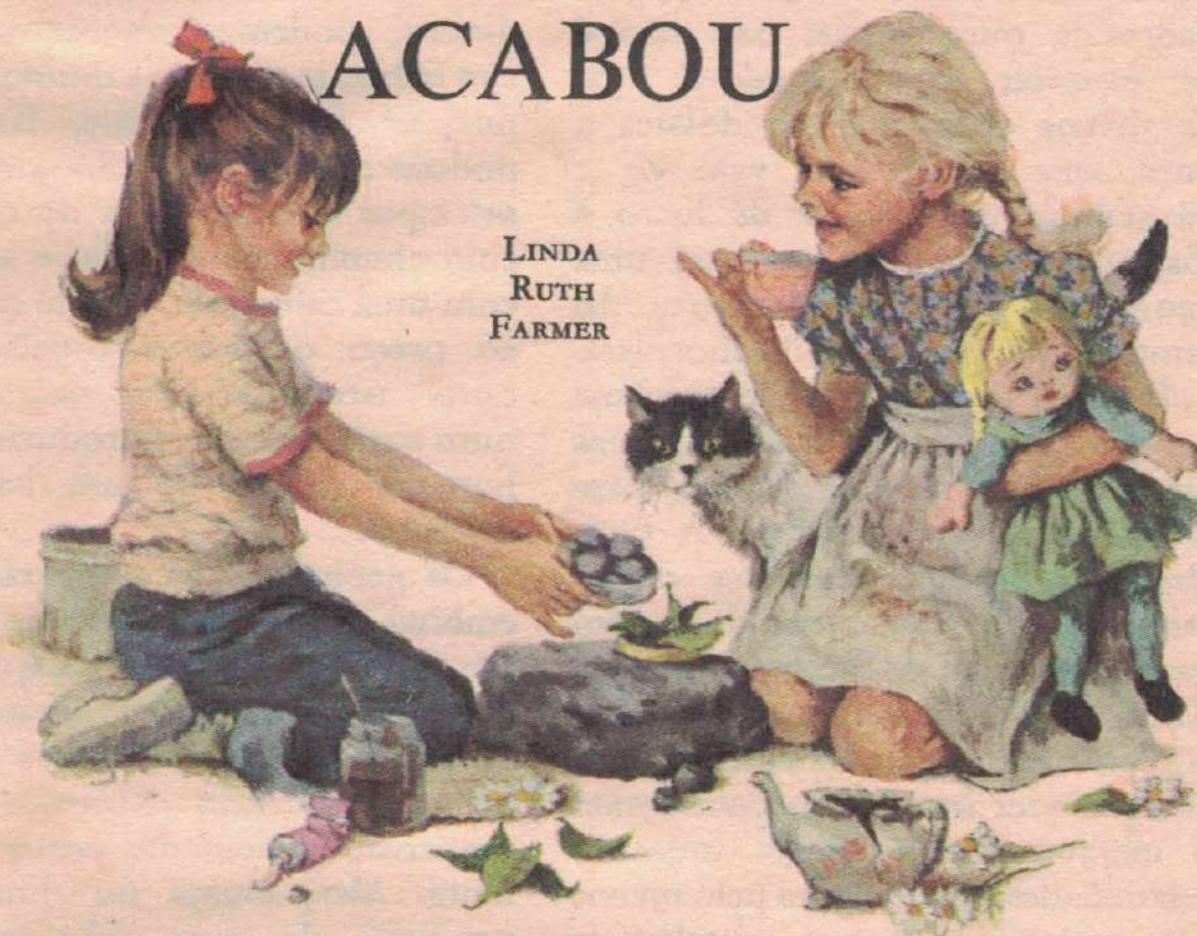


O DIA EM QUE O SONHO ACABOU

LINDA
RUTH
FARMER



Condensado de FAMILY CIRCLE

LEMBRO-ME bem do dia em que a magia se acabou. Mas prefiro recordar o tempo em que ela ainda existia.

Betty era minha prima; quero dizer, ainda *é*, mas agora já somos crescidas. Costumávamos brincar juntas naqueles intermináveis dias de verão, em meados da década de 1950. Nunca mais haverá verões como aqueles, durante as férias escolares. Éramos cuidadas por pes-

soas que sabiam tudo — nossos pais. Não havia pergunta sem resposta, e víamos tudo com uma clareza que agora me escapa. No entanto, nossas mentes infantis sonhavam e projetavam imagens de tal natureza que nem os poetas conseguem transmitir.

Não mais do que duas garotinhas, na época, brincávamos naquele espaço de tempo no qual os dias eram longos, em que nos contentávamos

com pouco, e quando tudo era possível. Era um universo que só permitia a entrada de gatos, cachorros e outros poucos animais, que sabiam como aproveitar um dia de sol. (Já não consigo conversar com um gato como sabia fazer naquele tempo. Tentei, em vão.) Nossos brinquedos eram baratos; nossos olhos transformavam as coisas tão facilmente. Hoje, as bonecas falam, repetindo pequenas mensagens gravadas em seus corações. Isso me deixa muito triste e um pouco assustada. Será que as bonecas estarão programadas para dizer exatamente o que uma criança tem em mente? Quando brincava, eu fazia a voz da boneca, e o que ela dizia era diferente todos os dias. Afinal de contas, minha boneca me acompanhava em missões secretas, e nossas chances de sucesso estariam arruinadas se, num momento crucial, ela dissesse abruptamente: «Meu nome é Kathy!»

Quando Betty e eu fazíamos o jantar, em nossa casinha de brinquedo, as folhas caídas se transformavam em verduras, e pequenas pedras polidas serviam de batatas. Cozinhávamos essas verduras e batatas sobre a tampa de uma panela, colocada numa pedra plana que servia de fogão. Tínhamos que prestar atenção ou nos queimávamos na certa. Só as meninas sabiam quando as pedras e folhas estavam preparadas para servir. As margaridas eram ovos estrelados, a menos que a gente os quisesse mexidos, o que faríamos

com muito prazer. O café era terra preta e água, provavelmente tão bom quanto o que eu faço hoje. As tortas eram feitas de lama, numa velha forma, mas nós as decorávamos com açúcar cristalizado (aliás, pasta de dentes).

Dirigimos um restaurante durante certo tempo, até que nossos fregueses imaginários se tornaram muito rabugentos. Depois de pedirem bifês, mudavam de idéia e só queriam um cafezinho. Às vezes, esqueciam-se até de pagar, e tudo isso nos obrigou, depois de muita discussão, a fechar o restaurante. De qualquer maneira, já estávamos cheias dele. Por alguns dias, brincamos de escola. Mas, quando chegava a noite ou a hora do jantar, descobríamos que nossos alunos eram rudes e mal educados, e, assim, resolvemos acabar com a brincadeira.

Tínhamos uma boneca de trapo que nos permitiu executar delicadas operações. Transplantamos com sucesso um coração, muito antes de o Dr. Barnard ter pensado nisso. O sangue era só anilina vermelha, mas os pontos eram reais. A paciente ficou perfeitamente curada. Não sei por onde anda agora essa boneca, mas tem um pedaço de algodão a menos e uma pequena pedra no lugar do coração.

Construímos cidades-miniaturas ao redor de um velho pinheiro, com argamassa feita de areia e água. Pavimentamos caminhos e estradas, nas quais instalamos até sinais de trânsito — hexágonos de cartolina

sobre pauzinhos de sorvete. Caixas de leite vazias eram postos de gasolina. Como bastava tão pouco combustível para inflamar o fogo dos nossos sonhos! Agora, quanto é necessário para conservar viva apenas a realidade?

Algumas vezes, pouco antes de anoitecer, olhávamos uma para a outra, de maneira significativa, e nos esgueirávamos até o velho cemitério, num campo próximo. Caminhávamos com dificuldade em volta das lápides, e líamos cada inscrição pela centésima vez. Uma, particularmente, sempre nos deixava tristes: «Nosso querido foi-se embora.» Tínhamos imaginado histórias trágicas sobre a vida daquela pessoa, e como uma rara doença a tinha levado. Certa vez, para nosso pavor e deleite, vimos uma cova que começava a desmoronar. Havia uma abertura na terra úmida, mostrando apenas a escuridão por debaixo. Oh, o que haveria ali em baixo? O que podia saltar dali a qualquer momento? Uma velha... uma velha que morreu comendo crianças! Ficamos paradas, tremendo, enquanto as nuvens iam se formando atrás das árvores, até que não pudéssemos mais suportar a tensão; então, saímos chorando do cemitério, com medo de olhar para trás.

Descalças, chutávamos a poeira dos caminhos, tão macia como talco. Nossos pés ficavam muito tempo com a marca da terra. Tramávamos e sonhávamos e brincávamos o jogo do «Eu vou ser». Este é o

que mais dói lembrar, porque tínhamos planos tão fascinantes. Íamos ser espíãs, pelo menos naquele dia. Ali estávamos: pegando um trem numa noite úmida de chuva, na China, com o plano mestre na nossa mala. O vagão estava vazio, reservado para nós; e um homem sinistro do outro lado da calçada...

No dia seguinte, já nos víamos na África tenebrosa, à procura da serpente de Nairóbi que estava atacando as aldeias. No papel de Nyoka e Lorna, as rainhas da selva, enfrentamos panteras, armadas com um simples canivete cego, e balançamos nas mais altas trepadeiras com a graça de uma bailarina. O velho carvalho silvestre ainda está no quintal, e é difícil para mim acreditar que aquela árvore relativamente pequena já conteve todo o continente africano — serpentes, panteras, trevas e tudo.

Lembro-me do dia em que o sonho morreu. Não se sabe como, durante o inverno, minha mente tinha tomado um rumo mais complexo. Fui à casinha de brinquedo no primeiro dia de verão. Sentei-me, peguei uma boneca e uma xícara, e esperei pelo velho encanto para começar. Esperei pelo piscar dos candelabros do Grande Hall e pelo farfalhar dos trajes de tafetá azul, vestidos para o grande chá. Esperei. O vento soprou lá fora. Uma porta dupla bateu com estrondo em algum lugar. Um cachorro latiu à distância. Tentei de novo, mas minha boneca estava morta, e notei que a xícara estava suja.

Fiquei sentada ali muito tempo, sem pensar em nada. Então, saí e fechei com firmeza a porta da casa de brinquedo onde, tantas vezes, eu tinha sonhado acordada.

As coisas mudaram desde então. Primeiro, de forma sutil; depois, rapidamente. A casa de brinquedo foi utilizada para guardar roupas pouco usadas, livros escolares, bonecas quebradas e, eventualmente, trajes de passeio, para não falar, é claro, de todas essas coisas sem serventia que não se sabe onde pôr.

Vi muitas vezes minha prima. Mas o riso selvagem e livre foi substituído pela risadinha desajeitada. Havia menos brincadeiras e mais bate-papos, a maioria sobre namorados, vestidos novos, a festa da noite anterior. Aos poucos, fomos penetrando num mundo novo, excitante, exigente e, sem dúvida alguma, muito mais próximo da realidade.

Nunca perguntei a Betty como foi, para ela, o fim do sonho. E acho até que nem quero saber!



QUANDO meus avós vieram nos visitar, recentemente, vovô notou um belo carro em frente de casa. «Aquele carro é seu?», perguntou ele a meu pai. «De vez em quando», meu pai respondeu com um sorriso. Intrigado, vovô perguntou por que de vez em quando. «Bem», explicou papai, «quando o carro acaba de ser lavado, pertence a minha mulher. Quando há uma festa, pertence a minha filha. Quando há um baile, pertence a meu filho. Quando o tanque está vazio, pertence a mim!» — R. H.

NUMA pequena aldeia dos Pireneus, o velho lavrador estava à beira da estrada vendo passar os participantes da Volta à França em Bicicleta. Olhando os corredores e suas faces contorcidas pelo esforço, o velho disse: «Não consigo imaginar para que é que eles fazem isso!»

Alguém ao lado dele explicou pacientemente que o vencedor ganhava «montes de dinheiro».

«Sei», disse o velho. Depois de um momento de silêncio, voltou-se novamente para o seu vizinho e perguntou: «Então, e os outros, fazem isso porquê?» — *Eclats de Rire, França*

RECENTEMENTE, durante um novo programa de televisão, anunciaram que iria ser feita uma tentativa de recuperação do porta-aviões inglês *Ark Royal*, afundado na costa de Gibraltar durante a Segunda Guerra Mundial.

Na manhã seguinte, o produtor do programa recebeu uma carta de um membro da tripulação do porta-aviões, que fora obrigado a abandonar o navio quando ele afundou.

«Se o *Ark Royal* for trazido à superfície», escreveu ele, «gostaria de recuperar o meu toca-discos.» — E. B.